

ANÁLISE GEOGRÁFICA DA FAVELA PARQUE SANTA MADALENA: A CONSTRUÇÃO DA RUA NOVA-SP-BRASIL

Luz, Fabiana Cristina

Mucivuna, Vanessa Costa

Santana, Josefa Mônica J

Silva, Mayra Dias Barbosa

RESUMO:

A partir da participação no programa de extensão da Universidade Cruzeiro do Sul, chamado Universidade Solidária, no “Projeto Meio Ambiente: educação para ação”, que tem como objetivo discutir e encontrar soluções no que diz respeito à problemática sócio ambiental da favela Santa Madalena, e que conta com a participação de jovens residentes da região, tivemos a oportunidade de vivenciar, ainda que de forma breve, os problemas e situações cotidianas da favela, localizada no bairro Parque Santa Madalena, zona leste do município de São Paulo - Brasil.

Este trabalho tem o objetivo de analisar as transformações sócio-espacial ocorridas na favela Parque Santa Madalena, a partir da canalização do córrego que deu origem a construção da Rua Nova, fruto da mobilização dos moradores e da ação do Estado.

Por se tratar de uma área onde vários poderes atuam concomitantemente, tentaremos analisar de que forma o “poder local” recebeu a construção da Rua Nova e o que mudou em relação à dinâmica interna da favela considerando que a rua é atualmente único acesso que a Polícia Militar possui para adentrar na favela

Os procedimentos metodológicos utilizadas foram: revisão bibliográfica, pesquisa de campo, entrevista com moradores do bairro e com integrantes das ONGs que atuam no bairro: CEDECA (Centro de Defesa dos direitos da criança e do adolescente) Mônica Paião Trevisan e CDHS (Centro Direitos Humanos Sapopemba).

PALAVRAS-CHAVES: Favela, espaço urbano, agentes hegemônicos, identidade.

*Graduandas do 5º semestre de geografia da Universidade Cruzeiro do Sul - São Paulo, Brasil

Resumo:

De la participación en la extensión de la Universidad de Cruzeiro do Sul, llamada Universidad de Solidaridad, en el "Proyecto de Medio Ambiente: la educación para la acción", que tiene como objetivo debatir y encontrar soluciones en lo que respecta a los problemas socio ambientales de los barrios marginales de Santa Madalena, en y con la participación de los jóvenes residentes de la región, tuvo la oportunidad de experimentar, ni siquiera brevemente, los problemas y situaciones de la vida cotidiana de los barrios de tugurios, que se encuentra en el Parque de Santa Madalena barrio, al este de São Paulo - Brasil.

Este estudio tiene como objetivo examinar los cambios socio-espaciales que ocurren en la favela Parque Santa Madalena, en la canalización de la corriente que llevó a la construcción de la calle Nueva, el resultado de la movilización y la acción de los residentes del estado.

Dado que se trata de un ámbito en el que distintos poderes trabajar juntos, examinamos la forma en que el "local" fue la construcción de New Street y lo que ha cambiado en relación con la dinámica interna de los barrios marginales de la calle que por el momento sólo el acceso a la Policía Militar tiene que entrar en la favela

Los procedimientos metodológicos utilizados fueron: revisión de la literatura, la investigación de campo, entrevistas con residentes del barrio y miembros de organizaciones no gubernamentales que operan en el barrio CEDECA (Centro de Protección de los derechos de los niños y adolescentes) y Mónica Trevisan Paia CDHS (Centro de Derechos Humanos Sapopemba).

PALABRAS CLAVE: Barrios marginales, espacio urbano, los actores hegemônicos e la identidad.

Introdução

O interesse pela realização deste trabalho surgiu durante nossa participação como monitores no programa de extensão Universidade Solidária da Universidade Cruzeiro do Sul, trata-se do “Projeto Meio Ambiente: educação para

ação”, que tem como objetivo discutir e encontrar soluções no que concerne à problemática sócio ambiental da favela Santa Madalena, e que conta com a participação de jovens residentes na região. Tivemos a oportunidade de vivenciar durante oito meses os problemas e situações cotidianas da favela localizada no bairro Parque Santa Madalena, distrito de Sapopemba, zona leste do município de São Paulo. O trabalho junto ao Programa levou-nos a refletir sobre as transformações ocorridas na favela Santa Madalena durante e após a canalização do córrego, onde atualmente localiza-se a Rua Nova.

Portanto este trabalho tem o objetivo de analisar as transformações sócio-espacial ocorridas na favela Parque Santa Madalena, a partir da canalização do córrego que deu origem a construção da Rua Nova, fruto da mobilização dos moradores e da ação do Estado.

Por se tratar de uma área onde vários poderes atuam concomitantemente, tentaremos analisar de que forma o “poder local” recebeu a construção da Rua Nova e o que mudou em relação à dinâmica interna da favela considerando que a rua é atualmente único acesso que a Polícia Militar possui para adentrar na favela

Para a realização deste trabalho foi de fundamental importância a nossa participação como monitores no projeto, pesquisas de campo e entrevistas com moradores, além de uma revisão bibliográfica de diversos autores tanto da Geografia como da Sociologia e Urbanismo. Procuramos um referencial teórico que nos permitisse entender conceitos importantes na compreensão das dinâmicas que constituem o espaço urbano, principalmente no que tange aos processos de segregação espacial evidenciados na paisagem urbana das grandes cidades como São Paulo.

Em nossa pesquisa teórica ficou evidente que na produção geográfica não há um único modo de se pensar a cidade, indicando variadas possibilidades de pesquisa. A discussão que empreenderemos neste trabalho esta fundamentalmente baseada na Geografia Crítica; trata-se de, portanto de ir além da descrição de padrões espaciais procurando-se ver as relações dialéticas entre as formas espaciais e os processos históricos que refletem nas ações dos grupos atuantes na área em estudo.

Como nos diz Lefebvre é preciso passar da fenomenologia a análise, bem como da lógica a dialética (LEFEBVRE 2004)

O entendimento do espaço geográfico enquanto produto histórico e social nos possibilita analisar as relações sociais a partir de sua materialização

espacial (CARLOS 2007). Deste modo, as relações sociais realizam-se concretamente através de uma articulação espaço-tempo, o que ilumina o plano do vivido, ou seja, a vida cotidiana e o lugar. É nesta medida que o lugar da vida constitui uma identidade habitante-lugar.

Nesta direção, outra categoria de análise ganha importância na explicação, que é aquela de cotidiano que permite entender o processo de constituição da vida na trama dos lugares – nas formas de apropriação e uso do espaço.

Segundo Carlos (2007) "Tal situação coloca-nos diante de redefinições importantes na articulação entre o lugar da realização da vida – da identidade criada entre as pessoas no lugar – e do cotidiano onde a vida ganha dimensão real." (CARLOS 2007 p. 42) Portanto, o plano do lugar pode ser entendido como a base da reprodução da vida e espaço da constituição da identidade criada na relação entre os usos, pois é através do uso que o cidadão se relaciona com o lugar e com o outro, criando uma relação de alteridade, tecendo uma rede de relações que sustentam a vida, conferindo-lhe sentido.

Isto porque são as relações que concebem o sentido dos “lugares”, porque o lugar só pode ser compreendido em suas referências, que não são específicas de uma função ou de uma forma, mas produzidos por um conjunto de sentidos, impressos pelo uso. (CARLOS 2007).

Neste trabalho tentaremos compreender o sentido da Rua Nova para os moradores da favela. Na antiguidade as ruas eram apenas anexos dos lugares privilegiados: o templo o estádio, os jardins. Mais tarde na Idade Média, o artesanato ocupava as ruas (LEFEBVRE 2004).Hoje dentro das possibilidades de se pensar o significado da rua. Lefebvre (2004), em seu livro A Revolução Urbana, apresenta argumentos favoráveis e contrários à dinâmica da rua

Não se trata simplesmente de um lugar de passagem e circulação [...] a rua é o lugar do encontro [...] nela efetua-se o movimento a mistura [...] A rua tem a função simbólica, função informativa, a função lúdica. (LEFEBVRE, 2004 p.29-30).

Por outro lado, a rua pode se apresentar como lugar de encontros superficiais, onde as pessoas caminham lado a lado sem se encontrarem:

A passagem na rua, espaço de comunicação, é a uma só vez obrigatória e reprimida. Em caso de ameaça, a primeira imposição do poder é a interdição à permanência e à reunião na rua. Se a rua pode ter tido esse sentido, o encontro, ela o perdeu, convertendo-se numa redução indispensável a passagem solitária (...) Ela não é mais que a transição obrigatória entre o trabalho forçado, os lazeres programados, e a habitação como lugar de consumo. " (LEFEBVRE 2004 p.30, 31).

A importância de analisarmos a espacialidade da rua está no fato de podermos identificar a dimensão da vida cotidiana presente em suas formas, uma vez que ela representa a espacialidade das relações sociais. Como nos revela os argumentos a favor e contra a rua na citação de Lefebvre (2004) para alguns a rua é simplesmente lugar de passagem, enquanto outros vêem na rua mais que um itinerário. Para nós, a rua revela-se como lugar de contínuos acontecimentos, em movimento constante. A rua nos revela formas de apropriações e temporalidades, pois guarda em si esta “vivacidade”.

São Paulo, cidade global?

Para entendermos a origem das favelas na cidade de São Paulo, e consecutivamente a ocupação da favela Parque Santa Madalena é importante realizar um resgate histórico das políticas públicas adotadas no país e em especial da cidade, a partir principalmente da década de 50, buscando assim compreender em que contexto inicia a formação e consolidação das desigualdades sociais.

A cidade de São Paulo é a metrópole nacional, moderna cidade terciária e global (CARRIL 2006); São Paulo é sem dúvida nenhuma, uma das cidades que mais cresce no mundo. Considerada como a cidade das oportunidades. Entretanto, quando falamos de São Paulo não podemos deixar de falar na sua contradição expressa claramente nas formas que evidenciam as segregações espaciais. A realidade é profundamente contraditória e essas contradições não parecem suavizar-se, ao contrário, aprofundam-se entre os barracos e as mansões com piscinas e bosques; entre os luxuosos arranha-céus de todas as formas e cores e as vilas com casinhas simples; entre as grandes áreas vigiadas dos condomínios fechados e a promiscuidade dos cortiços do centro, ou mesmo as áreas insalubres das favelas. São os traços visíveis da segregação social que também se concretiza

O momento atual revela continuidades e descontinuidades que se combinam como consequência das transformações na relação espaço/tempo traduzidas nos “lugares da metrópole“ sob a forma de rupturas de ritmo, da realização desigual do poder, das relações entre classes diferenciadas, que se traduzem em movimentos de construção e transformação, lidas na morfologia urbana e passíveis de serem apreendidas na vida cotidiana (onde aparecem sob a forma de conflito).

A partir dos anos 50 ocorre uma intensificação do processo de industrialização no Brasil, esse processo está intrinsecamente ligado a abertura do governo aos capitais estrangeiros, que através de incentivos fiscais, como isenção de impostos, busca torna o país um lugar atrativo para os investimentos das indústrias multinacionais. É nesse contexto que diversas indústrias multinacionais, principalmente ligadas ao setor automobilístico se instalam no país. ” (SCARLATO 2004)

Em princípio a cidade que mais recebeu essas indústrias foi à cidade de São Paulo, “que já possuía condições privilegiadas no conjunto do cenário nacional, tais como mercado interno dinâmico e diversificado e relativa autonomia para suprir com matérias- primas muita de suas indústrias de bens de consumo” (SCARLATO 2004, p.251.). A instalação dessas indústrias significava geração de empregos, tornando assim a capital paulistana num interessante pólo receptor de migrantes, oriundos principalmente da região Nordeste. A instalação dessas indústrias bem como a chegada de migrantes ocasionaram mudanças na cidade de São Paulo como afirma Scarlato (2004):

A partir da década de 50, com a implantação da grande indústria fundamentada no capital multinacional, ocorreram profundas mudanças socioespaciais na cidade de São Paulo (...) as exigências então impostas pelo capital monopolista demandavam uma nova espacialidade, novas centralidades foram criadas. Como decorrência, a Cidade foi se expandindo em todas as direções. (SCARLATO p. 248)

Esse fenômeno de expansão da cidade persistirá nas décadas subseqüentes, sobretudo devido aos investimentos nas vias férreas (principalmente

em direção a Zona Leste da cidade de São Paulo) e posteriormente aos investimentos no modal rodoviário, que irá conceber uma nova dinâmica à cidade.

O sistema viário passou a ser planejado quase que exclusivamente para automóveis, o que acabou facilitando o deslocamento entre o centro e os bairros, permitindo assim a ocupação de áreas que antes eram consideradas periféricas, tanto em direção oeste como também em direção ao norte e a leste da cidade.

Pouco a pouco a cidade acaba incorporando a idéia de modernidade, era preciso então vestir roupa nova pra receber o “progresso” (SCARLATO, 2004 p.263), é assim que São Paulo inicia um processo de “reurbanização”, pautada numa lógica automobilística que transformou a cidade tanto no que diz respeito ao espaço físico, como em relação as questões sociais, já que para construir vias e viadutos, foi necessário que se realizasse desapropriações, tanto na área central que passava por um processo de valorização e de verticalização, como áreas circunvizinhas que era composta em grande parte por imóveis residenciais. O deslocamento dessa população do centro, permitia também a ação dos agentes imobiliários, pois liberavam-se áreas, possibilitando a verticalização, aliada a utilização de uma infra – estrutura já disponível (SOUZA 2004 p.45).

Todas essas ações resultaram em um processo de horizontalização da cidade, em muitos casos para áreas periféricas nas quais não havia nenhum tipo de infra-estrutura, o que colaborou para ocupações clandestinas e criação de loteamentos irregulares. A questão da moradia será um dos principais problemas sociais enfrentados pela grande metrópole paulista, devido tanto a precariedade de políticas públicas, bem como pela falta de recursos dos trabalhadores de adquirirem uma moradia, visto que o valor da reprodução da força de trabalho, nunca incluiu o custo da moradia. (CARRIL, 2006 p.95).

Foi nesse contexto de crescimento industrial que a cidade de São Paulo, verifica altos índices de crescimento econômico e concomitantemente populacional, nesse mesmo período a habitação periférica quase sempre em forma de loteamentos irregulares e clandestinos se ampliará como afirma Carril:

A metropolização marchava aceleradamente com o ritmo industrial, mais delineando um padrão periférico de ocupação da cidade, à medida que se multiplicava a habitação popular nos bairros distantes da cidade(...)Acrescia-se a isso o elevado número de

migrantes nordestinos que afluíam em busca de oportunidade de emprego e melhoria de vida em São Paulo.(CARRIL 2006 p.84).

Nesse mesmo período irá ocorrer uma expansão do número de favelas na cidade de São Paulo segundo Maricato apud Carril (2006 p.95) “o município de São Paulo tinha perto de 1% de sua população vivendo em favelas no início dos anos 70 e no início dos anos 90 essa população já era de quase 20%. O conceito de favela é abordado nesse artigo segundo a definição do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia Estatísticas), que considera a favela um aglomerado subnormal constituído por um conjunto de no mínimo 51 habitacionais, que estejam ocupando terreno alheio, disposto geralmente de forma desordenada, densa e carentes em sua maioria de serviços públicos essenciais.

As favelas apesar de aparentarem ser uma ocupação caótica e desordenada, na qual o desemprego e a marginalização, bem como a carência de infra-estrutura predominam, sendo definida por alguns atores como território da escassez (CARRIL, 2006) é também um local de resistência e de estratégia de sobrevivência, onde os grupos sociais excluídos tornam-se, efetivamente, agentes modeladores, produzindo seu próprio espaço independentemente de outros agentes (CORRÊA 1995). A favela cresce sem nenhuma intervenção governamental e ser torna assim um território único, com características físicas muito específicas, que não segue nenhum padrão legal, é portanto considerada por alguns atores como parte da cidade ilegal, como afirma Carril (2006) “ao longo do século XX, a presença do Estado, por meio de políticas públicas, promoveu a urbanização, criando espaços ilegais na cidade, nos quais a classe trabalhadora se recriava sem infra-estrutura e sem a ordenação da lei”.

E apesar das condições precárias que vivem os moradores das favelas, existem ainda movimentos organizados no interior da mesma para pressionar o Estado. Esses movimentos lutam em geral por melhoria na qualidade de vida, exigindo assim saneamento básico, canalização e limpeza de córregos, iluminação pública entre outras reivindicações que não são mais que direitos da população.

Histórico da ocupação da favela Parque Santa Madalena

A ocupação do Parque Santa Madalena teve seu início na década de 70, como ocorreu com as demais favelas da cidade de São Paulo, as primeiras pessoas que ocuparam a área, era oriundos de outros estados, em especial Nordeste do país. O terreno que foi ocupado era de propriedade particular, o dono era um comerciante chamado João Pedroso.



Fonte: imagem área Google Earth favela Parque Santa Madalena representada em destaque na cor amarela. Ano 2008

Em princípio a beira do córrego Santa Madalena onde atualmente se localiza a Rua Nova não sofreram nenhum tipo de ocupação, porém como não ocorreu nenhum processo de desapropriação, a favela ampliou-se e essas áreas passaram a ser utilizada como moradia, muitas delas de palafitas.

Durante a gestão da prefeita Luiza Erundina (1989-1992) foi criado um planejamento que entre algumas ações previa a retirada das moradias próximas ao córrego, para a construção de uma praça. Algumas famílias foram desapropriadas e indenizadas e a obra chegou a ser iniciada, no entanto, foi abandonada antes de sua conclusão. A área que havia sido desapropriada foi (re) ocupada pelos moradores, dos quais muitos haviam sido indenizados, como afirma Alexandre um dos moradores entrevistados:

Eu cheguei a ser indenizado, mas para aonde eu iria com cinco mil reais (valor pago nas indenizações), não dava para comprar uma casa, com sala, cozinha e quarto e quintal, assim quando abandonaram a obra, a gente ocupou de novo. (ALEXANDRE, 45 anos)

Após a gestão da Erundina se passaram mais de dez anos e nenhuma ação foi realizada na área, até que os moradores se viram sem alternativas, já que o córrego apresentava-se cada vez mais poluído permitindo a proliferação de bichos contribuindo com o aumentando do risco de doenças; além disso, as enchentes eram cada vez mais intensas. Como afirma um dos integrantes do CDHS e morador do bairro, "aqui no Madalena a gente chegava a ver até Gabiru" (Damásio 28 anos).



Fig. 2: Foto do Córrego antes da canalização. Fonte: CDHS (centro direito humanos Sapopemba). Ano 2003

Em janeiro de 2000, no entanto, houve uma chuva muito forte fazendo o córrego transbordar, destruindo diversos barracos localizados próximo do mesmo .Os

moradores se viram sem saída e decidiram mudar essa situação, recorreram então aos educadores do CEDECA que com o apoio do CDHS, mobilizaram a comunidade e foram até a subprefeitura da Sapopemba reivindicar alguma atitude por parte do poder público, como afirma umas das educadoras da época do CEDECA que participou dessa mobilização: "Tentamos reunir o máximo de pessoa, nós reunimos com o pessoal do pró-mora do conjunto Teotônio Vilela, enchemos um ônibus e fomos até a subprefeitura exigir uma solução para aquele problema" (Claudene 39 anos).

Assim durante a gestão da Marta Suplicy (2000-2004) (re) iniciaram as obras que tinha como objetivo a canalização do córrego, novamente foram realizadas algumas desapropriações e indenizações, no entanto o maior empecilho, foi a oposição do "poder local", que questionava a construção da rua, alegando que a mesma facilitaria o acesso da polícia à favela. Os moradores novamente tiveram que se articular para "convencer", o poder local, como nos conta Alexandre: "Tivemos que ir lá, conversar com os caras, era preciso, porque era um benefício para a comunidade, não dava para continuar daquele jeito". (Alexandre 45 anos)

Porém, foi preciso mais de uma conversa, já que quando as obras iniciaram, atiravam-se pedras nos operários, como afirma Binho que também é morador da favela: "No início foi difícil, a gente tinha que ficar indo lá explicar, que era um benefício para os moradores, e se a polícia quisesse entrar, ia entrar de qualquer jeito, seja pela rua, seja pelas vielas". (BINO, 28 anos)

A atual coordenadora do CEDECA Valéria conta-nos também que durante todo o processo da construção da Rua Nova, sempre havia um dos membros da ONG presente, para evitar alguma ação contra os trabalhadores da obra.

Após todo esse processo de luta e resistência, na gestão de José Serra finalmente a Rua Nova estava pronta. Com o término da obra novas ocupações ocorreram em terrenos que anteriormente haviam sido desapropriados pela prefeitura.

Este novo elemento fixo permitiu ações que modificaram o próprio lugar, como afirma Santos (1999): "os fixos criam fluxos novos ou renovados que criam condições ambientais e condições sociais que redefinem cada lugar". (SANTOS, 1999, p. 89).

A superação destes conflitos deu a este espaço um novo significado, onde antes só havia medo e preocupação a cada dia de chuva, deu lugar a um sentimento de orgulho e satisfação; atualmente a rua representa um lugar de cotidianidade dos moradores, tanto das crianças, como de suas mães que se apropriam –no sentido

simbólico e afetivo- (LEFEBVRE 1986) do espaço da rua que recebe assim a conotação de lugar no sentido de uma porção do espaço apropriável para a vida- através do corpo- dos sentidos- dos passos (FANI 2007) e é nesse entendimento que o ambiente da rua aparece como uma verdadeira extensão do lar, já que é possível verificar as pessoas realizando atividades que teoricamente são realizadas no interior de suas casas. Na Rua Nova é possível ver as pessoas fazendo a unha, lavando roupa e até mesmo almoçando; um dos fatores que explicam essa apropriação é o tamanho das casas que na maioria das vezes são compostas por apenas dois cômodos sendo estes cozinha e quarto. Percebe-se então que a falta de espaço no interior das moradias resulta na apropriação dessas pessoas pelo espaço da rua como extensão de suas casas. Contribui ainda para essa apropriação a falta de áreas de lazer para as crianças e o desemprego dos jovens e adultos.



Fig.3. Criança almoçando na Rua Nova. Fonte: CDHS (centro direito humanos Sapopemba). Ano 2005



Fig.4. Rua Nova. Fonte: Própria. Ano 2000

Considerações finais

Buscamos aqui apresentar algumas considerações acerca das transformações sócio-espaciais ocorridas na favela Parque Santa Madalena a partir da canalização do córrego e da construção da rua nova; são considerações parciais, pois a pesquisa ainda esta em fase de elaboração.

Nesta pesquisa ficou elucidada a forte influencia das ações dos agentes hegemônicos, no caso o Estado e promotores imobiliários, no processo de segregação sócio espacial no estado de São Paulo, ocasionando a origem do grande número de favelas presentes no estado. Como foi constatado, partir da década de 50, o Estado priorizou a construção de grandes avenidas que atendessem aos interesses das indústrias automobilísticas, ignorando as necessidades e as realidades locais. Percebemos assim que as políticas urbanas sempre estiveram voltadas ao interesse dos atores hegemônicos.

A favela Parque Santa Madalena se mostrou como um local de resistência e de estratégia de sobrevivência, um espaço onde os grupos sociais excluídos tornam-se, efetivamente, agentes modeladores, produzindo seu próprio espaço independentemente de outros agentes.

E apesar das condições precárias que vivem os moradores das favelas, existem ainda movimentos organizados no interior da mesma para pressionar o

Estado. Esses movimentos lutam em geral por melhoria na qualidade de vida, exigindo assim saneamento básico, canalização e limpeza de córregos, iluminação pública entre outras reivindicações que não são mais que direitos da população

A construção da rua nova modificou a dinâmica da favela, além de representar uma melhoria para a comunidade em termos de saúde e higiene, transformou o cotidiano dos moradores, que passaram a viver sem a insegurança das perdas materiais resultante das chuvas que transbordava o córrego

Sendo assim a rua passou a fazer parte da vida de cada morador, não apenas como lugar de passagem, mas como extensão do lar de cada um, como espaço incomum e identitário.

A Rua Nova é para os moradores muito mais que mero lugar de passagem, ela aparece como um lugar apropriado pelos mesmos, como parte de suas casas, concordamos assim com Jacques,(2001) quando ela afirma que: *durante o dia as ruelas se tornam a continuação das casas, espaços semi-privados, enquanto a maioria das casas com suas portas abertas se tornam também espaços semi-públicos.*

Assim diante de todos esses processos de luta, a construção da Rua Nova apresenta-se não apenas como “indutor” de transformações sócio-espaciais, mas como “ fio-condutor” para refletirmos sobre um outro modo de vida, sobre uma outra ótica de se viver e de se apropriar do espaço urbano.

Bibliografia.

CABRAL, L. **A rua no imaginário social.** *Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales.* Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2005, vol. IX, núm. 194 (60). <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-194-60.htm>> [ISSN: 1138-9788]

CALDEIRA, T.P. **A política dos outros, O cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos** Ed.Brasiliense, 1984.

CARLOS, A. **O Lugar no/do Mundo.** São Paulo: Hucitec, 1996.

_____ CARLOS, A. F. A.; LEMOS, A. I. G. **Dilemas Urbanos: Novas Abordagens Sobre a Cidade.** São Paulo: Contexto, 2003.

_____ CARLOS, A. F. A. **O Espaço Urbano: Novos Escritos Sobre a Cidade.** São Paulo: Labur edições , 2007. Disponibilizado em [http:// www.fflch.usp.br/dg/gesp](http://www.fflch.usp.br/dg/gesp) acesso em 17/12/2008 às 20:00h

CASTRO, I. E. **Geografia: Conceitos e Temas.** 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CARRIL, L. **Quilombo, favela e periferia: A longa busca por cidadania** Ed. Annablume. 2006

CORRÊA, R.L. **Região e organização espacial** 8º Ed São Paulo: ática, 2007

_____ **O Espaço urbano.** 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.

DA MATTA, R. **A Casa & a Rua.** Rio de Janeiro: Rocco, 2000

FIX. M. **Parceiros da exclusão: Duas histórias da construção de uma "nova cidade "** em são Paulo: Faria Lima e Água Espraiada São Paulo: boitempo, 2001

JACQUES P.B **Estética das favelas.** O artigo foi publicado originalmente em português no Portal Vitruvius, Texto Especial Arqtextos, n. 078, junho 2001, <www.vitruvius.com.br/arqtextos/arq000/esp078.asp>. acesso em 03/01/2009 às 17:45h.

_____ **Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica.** Ed. Casa da Palavra, 2007.

LEFEBVRE, H. **A Revolução Urbana.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

SACHS, C . **São Paulo políticas públicas e habitação popular;** Ed. Edusp, 1999.

SANTOS, M. **Metrópole corporativa fragmentada, o caso de São Paulo,** 1990

. _____ **Por uma geografia nova; da crítica da geografia a uma geografia crítica.** São Paulo, HUCITEC, 1978.

_____. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.**
3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SCARLATO, F. C. **Busca do Centro** in CARLOS, A. F; OLIVEIRA, A. U
Geografias de São Paulo: A metrópole do século XXI Ed. Contexto. 2004

SOUZA, M.A de. Território e lugar na metrópole in CARLOS, A. F; OLIVEIRA, A.U
Geografias de São Paulo: A metrópole do século XXI Ed. Contexto. 200

ROLNIK, R. **O Que é Cidade?**. 3°.ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.